

TECNOLOGIA E COMPETITIVIDADE

*** Roberto Rodrigues**

Em qualquer setor da economia, o que alavanca a competitividade das empresas é a tecnologia. Sem isso, não adianta gestão profissional, nem foco, nem volume de produção. É a tecnologia que reduz os custos, aumentando a qualidade e a produtividade, colocando os produtos ao alcance do gosto e do bolso do consumidor de dentro e de fora do país.

Na agricultura também é assim. Mas neste setor, há uma curiosidade instigante. É sabido que o preço de um produto é o resultado da relação entre a oferta e a demanda do mesmo. Também se sabe que a oferta depende do volume da produção que, por sua vez, é uma função da produtividade por área.

Com essas premissas, pode-se dizer que o preço médio de um produto agrícola depende da sua produtividade média. Quem tem uma produtividade acima da média ganha dinheiro. E quem tem uma produtividade abaixo da média perde dinheiro. Quando a inflação era alta, este fato era camuflado, dando condições para produtores ineficientes continuarem na atividade. Agora isto acabou: com a inflação dominada, aquele que tiver uma produtividade abaixo da média por dois anos, é eliminado do sistema. Não consegue pagar suas contas, quebra e tem que vender sua terra. E aqui vem o primeiro drama: a agricultura nunca quebra; os agricultores quebram. É por isso que se diz às vezes que a agricultura vai bem, mas os agricultores vão mal.

O segundo drama: se aqueles que têm uma produtividade abaixo da média são eliminados, a média sobe, puxada por aqueles que estão acima dela. Se a produtividade média sobe, a oferta cresce; e se a demanda não aumenta paralelamente, os preços caem. Como consequência, quem se beneficia da melhor tecnologia no campo é o consumidor, porque vai comprar mais barato seus alimentos e fibras.

Então, porque o agricultor vai gastar seu dinheiro “comprando” novas e melhores tecnologias, se o beneficiário do seu investimento não será ele, e sim o consumidor? Melhor ficar parado? Não, porque se não investir, ficará abaixo da média e acabará excluído.

É uma perversidade: “se ficar o bicho come, se correr o bicho pega...” Mas o fato é que ele precisa melhorar sua tecnologia para manter-se competitivo e continuar na atividade, em um círculo virtuoso que beneficia o país – porque exporta mais e importa menos – e à sociedade em geral, com menor custo de vida.

Por isso, tecnologia agrícola é um tema que interessa à Nação toda, e não apenas ao produtor rural.

No Brasil temos a melhor tecnologia tropical do planeta, o que nos transformou nos maiores exportadores mundiais de café, suco de laranja, açúcar, carne bovina, carne de frango, do complexo soja, etanol e tabaco. Mas tecnologia

agrícola é uma questão dinâmica. Se não investirmos, acabaremos ficando para trás, perderemos mercados, empregos, renda e saldo comercial.

E, infelizmente, nossos orçamentos - federal e estaduais - para pesquisa agrícola estão aquém do necessário.

Estamos agora caminhando na direção da criação de Empresas de Propósitos Específicos - as EPEs - em que empresas privadas podem se associar a órgãos estatais para desenvolver tecnologias necessárias para seu setor de atividade.

Precisamos alavancar isto. O Brasil tem vantagens comparativas formidáveis no campo. Não pode perdê-las por atraso tecnológico, inclusive na biotecnologia, que reduz custos e aumenta competitividade.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da Fiesp e professor de Economia Rural da Unesp/Jaboticabal**